

Polêmica envolve urbanização da Praia da Costa

Cláudia Feliz

Às vésperas de ter sua primeira etapa inaugurada, a urbanização da orla da Praia da Costa, em Vila Velha, é alvo de polêmica. O projeto, resultado de um concurso público realizado pelo Governo em 1989 e aprovado originalmente também com participação da comunidade — através de sua Associação de Moradores — hoje sofre rejeição no que se refere ao aspecto estético e também à qualidade da construção. Na opinião do presidente da Cohab, órgão que gerencia os trabalhos, Luiz Carlos Piassi, “o Governo ouviu muito e decidiu pouco”, por isso estaria enfrentando pressões. Uma delas, formalizada em documento enviado diretamente ao governador Albuíno Azeredo — que mora de frente para a praia — resultou ontem na demolição de um dos banheiros projetados para a orla.



Uma série de problemas, que vão desde a parte estética à qualidade dos serviços, envolve a obra de urbanização da Praia da Costa

A Associação Comunitária dos Moradores da Praia da Costa chegou a reivindicar do Governo a demolição de três módulos comerciais, em alvenaria, ainda em fase de construção, fato rejeitado. O banheiro, porém, instalado sobre o calçadão, na Curva da Sereia, acabou recebendo sinal verde para sua demolição, depois de entendimentos mantidos entre a associação e a Cohab.

Como demolir algo cuja construção foi aprovada em assembléia geral por moradores da orla? O presidente e uma das diretoras da associação, Geraldo Pacheco e Léia Rocha, respectivamente, dizem que a principal preocupação está voltada para a gerência dos equipamentos públicos, algo que, segundo Piassi, da Cohab, pelo menos no que diz respeito aos banheiros (oito ao todo, entre a Ponta de Itapoã e o Clube Libanês, segundo o projeto) seria de responsabilidade da Prefeitura de Vila Velha. Assim como a manutenção do calçadão e demais itens planejados

orla, desde o início tornou os equipamentos alvo de críticas. Na última sexta-feira, depois de mais uma discussão sobre o assunto, o Governo, por meio de Piassi, comunicou que o primeiro e até então único banheiro construído seria demolido e que, também na segunda etapa da obra de urbanização, entre o bar MUG e a Ponta de Itapoã, esse tipo de construção seria eliminado do projeto original.

“É uma exigência, uma reivindicação da comunidade, que nós, depois de uma análise, resolvemos acatar”, disse o presidente, sem citar, entretanto, qual o custo da obra demolida. De concreto, Piassi admitiu apenas que banheiros públicos, em termos de conservação e higiene, costumam ser “sempre uma lástima”. Por isso, se o povo assim o deseja, melhor não construí-los.

Com a demolição do banheiro, a Curva da Sereia perde um dos equipamentos para ela projetados. Ali estão construídos três módulos comerciais, uma passarela e um

teria gerado problemas de visibilidade do mar.

Opiniões

Como a orla é pública, o surgimento das construções vem gerando reações as mais variadas de pessoas que, como contribuintes, consideram-se donas daquele patrimônio. Algumas chegam a ligar para a casa do governador Albuíno Azeredo. Mesmo o estudante de Arquitetura e morador da Praia da Costa, Sandro Pretti, 22 anos, que considera as formas idealizadas pela equipe ganhadora do concurso “muito ricas”, admite que a Curva da Sereia ficou adensada.

No geral, até mesmo quem aprovou o projeto, numa assembléia que contou com a participação de 250 pessoas, na sede da Associação de Moradores, depois de olhar o que foi construído, especificamente em relação aos módulos comerciais, manifesta rejeição. “No papel era tudo muito mais leve, parecia a Copacabana que a gente conheceu anos atrás. No nos-

O presidente da entidade, Geraldo Pacheco, que também presidiu, na época, a comissão encarregada de analisar os projetos arquitetônicos que participaram do concurso público, é mais cauteloso. Admite que muita gente não participou quando deveria, para impedir que fosse permitida a instalação de comércio e banheiros na orla. Mas preocupa-se com a administração dos equipamentos, algo pelo qual o Governo não se responsabiliza, admitindo que já há convênio firmado com a municipalidade.

Com a participação de poucos na tomada de decisão e acompanhamento da execução da obra, o ecologista César Musso, membro da diretoria da Associação Vila Velhense de Defesa das Plantas (Avidepa) — executora, junto com o ITCF, do projeto paisagístico da orla — chega a dizer que “a comunidade não merece a obra que está recebendo”. Segundo ele, querer a demolição dos equipamentos, hoje, é um desrespeito a quem parti-

Avidepa e membro da comissão de fiscalização do projeto, Lupércio Araújo Barbosa, também concorda que faltou maior participação comunitária, mas insiste no fato de que as responsabilidades precisam ser divididas.

Neste ponto, ele se refere à qualidade da construção. Pedras do calçadão assentadas de forma irregular, piso da ciclovia malcompactado, bancos fabricados com acabamento grosseiro, caixas de esgoto e drenagem mal-assentadas e desalinhadas são apenas alguns dos itens citados por Lupércio, e que seriam resultado de falhas da fiscalização do Governo sobre a execução dos trabalhos.

O que mais o preocupa, contudo, é a infra-estrutura sanitária. Segundo ele, algumas ruas, como a Joaquim da Motta e a Lúcio Bacellar, registram a ligação dos esgotos residenciais à rede pluvial. Outras, sequer foram dotadas de rede coletora. Onde há rede de esgoto, a ligação provisória representa pro-

e os equipamentos são outra parte da questão. Deveriam ter um acabamento melhor”, diz ele, com o que também concordam César Musso e Geraldo Pacheco.

Reparos

A Cohab diz que as estações elevatórias estarão prontas em março do ano que vem, e que a infra-estrutura ainda vem sendo executada, na medida em que se identificam necessidades. Em outubro, as queixas sobre a qualidade dos serviços chegaram oficialmente ao governador Albuíno Azeredo, num documento da associação. Em princípio, o governador determinou a suspensão do pagamento às empreiteiras — a Acta e a Épura foram as vencedoras da licitação — até que tudo fosse corrigido.

As correções vêm sendo executadas, mas Lupércio Barbosa e Geraldo Pacheco acreditam que muita coisa ainda vá ficar deixando a desejar. “Por falta de acompanhamento e fiscalização adequada das obras pelo Governo do Estado, os problemas foram se somando”, entende a Associação, admitindo que a comissão de fiscalização, formada inicialmente por arquitetos ganhadores do concurso, representantes da Praia da Costa, Jardim Itapoã e Avidepa, também não conseguiu atuar como deveria. Muitas pessoas abandonaram o trabalho, que ficou sob a responsabilidade de um pequeno grupo.

Complexo desde o início, o processo que resultou na definição do projeto de urbanização da orla e sua execução já começou prejudicado quando da não-realização do serviço de topografia do terreno pelo DEO. A decisão política de se “tocar a obra” assim mesmo fez com que, posteriormente, fossem registradas grandes diferenças entre o projeto e a realidade. Por isso, os equipamentos da Curva da Sereia, por exemplo, ficaram tão adensados.

A primeira etapa da urbanização — entre o Libanês e o MUG bar — vai estar concluída no próximo dia 21, com uma festa de inauguração prevista para as 21 horas. Até lá, enquanto caminham sobre o calçadão ou circulam na ciclovia, muitos moradores da Praia da Costa e bairros vizinhos estarão manifestando suas opiniões sobre

Foto de Chico Guedes

menos no que diz respeito aos banheiros (oito ao todo, entre a Ponta de Itapoã e o Clube Libanês, segundo o projeto) seria de responsabilidade da Prefeitura de Vila Velha. Assim como a manutenção do calçadão e demais itens colocados à disposição da comunidade.

Abandono

O temor pelo abandono dos sanitários, com consequente retorno para os frequentadores da

construí-los.

Com a demolição do banheiro, a Curva da Sereia perde um dos equipamentos para ela projetados. Ali estão construídos três módulos comerciais, uma passarela e um anfiteatro. No local, mais um motivo de insatisfação de membros da comunidade — a maioria não compareceu à assembléia que aprovou o projeto idealizado por um grupo de arquitetos. Há quem alegue que o espaço ficou pequeno para tantas construções, fato que

sociação de Moradores, depois de olhar o que foi construído, especificamente em relação aos módulos comerciais, manifesta rejeição. “No papel era tudo muito mais leve, parecia a Copacabana que a gente conheceu anos atrás. No nosso sonho não era como está. Ficou pesado, fechou parte da visão do mar. Há módulos comerciais demais e nosso medo é que a praia passe a ser vista sempre através de uma garrafa de cerveja”, diz Léia Rocha, uma gaúcha que mora na Praia da Costa há 30 anos.

(Avidepa) — executora, junto com o ITCF, do projeto paisagístico da orla — chega a dizer que “a comunidade não merece a obra que está recebendo”. Segundo ele, querer a demolição dos equipamentos, hoje, é um desrespeito a quem participou das discussões.

Omissão

Musso diz que a omissão dos moradores do município — porque a orla não pertence apenas a quem mora na Praia da Costa — “é inegável”. Outro diretor da

Segundo ele, algumas ruas, como a Joaquim da Motta e a Lúcio Bacellar, registram a ligação dos esgotos residenciais à rede pluvial. Outras, sequer foram dotadas de rede coletora. Onde há rede de esgoto, a ligação provisória representa problemas de vazamento na pista, já que o projeto não foi concluído. Restam ainda ser construídas duas estações elevatórias, para que os resíduos possam ser lançados no Canal da Costa. “Preocupa-me muito mais o que está sob o asfalto, que a gente não vê. O calçadão

mo dia 21, com uma festa de inauguração prevista para as 21 horas. Até lá, enquanto caminham sobre o calçadão ou circulam na ciclovia, muitos moradores da Praia da Costa e bairros vizinhos estarão manifestando suas opiniões sobre a obra. Lupércio Barbosa, que quando da assembléia decisória se manifestou contrário aos módulos comerciais, por exemplo, acha que, “no afã de aprovar um projeto, a comunidade cochilou”, embora lembre que, na época, houve “pressões de todos os lados”.

Cohab diz que todo mundo manda

Uma obra na qual todo mundo quer mandar”. É assim que o presidente da Cohab, Luiz Carlos Piassi, define a urbanização da orla da Praia da Costa, projeto cuja conclusão deveria ter acontecido em agosto deste ano, no trecho compreendido entre o Clube Libanês e a Ponta de Itapoã. No próximo dia 21 o Governo vai entregar à população a primeira etapa, apenas, do Libanês ao MUG bar. Problemas relacionados à mudança da administração estadual — com eleição de Albuíno Azeredo, em substituição a Max Mauro — e também a falta de recursos financeiros são os responsáveis pelo atraso nos trabalhos.

Duas foram as empreiteiras vencedoras da licitação para a execução da obra: Acta e Épura. Os trabalhos de infra-estrutura, envolvendo redes de drenagem e esgoto, foram iniciados pela Épura em dezembro de 1989 — na época, o valor do contrato era de Cr\$ 28.082.535,59. A Acta assinou contrato no valor de Cr\$ 299.445.732,31, em junho de 1990, para executar a construção do calçadão, ciclovia e demais equipamentos na orla.

Pagamento

A Cohab é que gerencia os trabalhos, pagos por medição. A preços de hoje, devidamente corrigidos, a obra — envolvendo também a infra-estrutura, estaria orçada em mais de Cr\$ 4 milhões. Luiz Carlos Piassi admite que a urbanização da Praia da Costa funciona como o espelho da administração estadual, em Vila Velha. Segundo ele, o Governo usou de democracia para que o projeto pudesse ser discutido com a comunidade de forma ampla.

Piassi não entende por que a mesma comunidade, que foi convocada e compareceu para acompanhar o processo de urbanização,

desde o início, hoje faça críticas e até sugira demolição de equipamentos já construídos. Uma das causas citadas pela Associação de Moradores num documento distribuído à população lembra que o projeto, resultado de um concurso, não apresentava maquete, “objeto legível para a população entender a que se propunha”. O presidente da Cohab, que já foi deputado estadual, chega a dizer que, no movimento de rejeição, há infiltração de pessoas com interesses políticos, que estariam querendo diminuir a importância da obra.

Ele faz questão de frisar que a Cohab nunca se furtou em discutir problemas, na tentativa de saná-los — embora membros de comunidade, que participam da comissão de fiscalização, admitam que faltou empenho do Governo nesta área e boa vontade dos executores das obras que resistiam à fiscalização paralela.

Justamente por causa da fiscalização, há quem assegure que a obra de urbanização é um eterno “faz, desmancha”, fato que Piassi garante não ter, até o momento, significado acréscimo de custo. “Onde a qualidade não agrada, a empreiteira tem que executar de novo”, diz ele. O banheiro demolido é um caso à parte.

Iluminação

Como a obra atende aos interesses de muitas pessoas, vários são os detalhes a serem observados e corrigidos. Os praticantes de asa delta, por exemplo, segundo Fábio Primo e Édson Quintaes, tiveram que solicitar a mudança de local de alguns postes de iluminação que simplesmente impediam o pouso dos equipamentos na areia. O pedido foi atendido, assim como a Cohab se dispôs a atender aos atletas do vôlei. Também nas quadras havia problemas em relação a altura dos mastros para instalação de

redes e postes de iluminação.

Outro problema apontado por comerciantes como Osmar Bastos, do restaurante Atlântica, e Celi Coelho Netto, do Recanto Baiano, diz respeito ao trânsito. A avenida Gil Veloso, principal via de acesso à praia, foi projetada para funcionar com mão única, dispondo de aproximadamente 100 “baias” para estacionamento de veículos. O próprio Detran achou poucas as vagas e vai autorizar, segundo a Cohab, estacionamento em alguns trechos da avenida.

Celi e Osmar acham que a carência de áreas para estacionamento vai gerar sérios problemas para o trânsito, embora Geraldo Pacheco, da Associação de Moradores, lembre que o projeto foi idealizado justamente para reduzir o volume de automóveis na orla. “A prioridade foi dada ao homem. A gente tem que pensar no futuro”, diz ele. Está previsto para esta semana o início dos trabalhos de sinalização, a serem feitos pelo DER.

A Cohab promete que até março, a nova rede de esgoto vai estar ligada às estações elevatórias. Para não aumentar ainda mais a poluição do Canal da Costa — e da baía, consequentemente — as residências terão que dispor de fossa e filtro biológico. Pessoas como Lupércio Barbosa, porém, lembram que o poder público costuma não fiscalizar, como deveria, o cumprimento desta exigência, temendo pelo agravamento da poluição.

O Governo vai entregar a obra à municipalidade mas não definiu, ainda, como serão gerenciados os módulos comerciais. À Associação de Moradores da Praia da Costa, através da Secretaria do Interior, ele solicitou sugestões sobre a questão. Segundo Geraldo Pacheco, a associação quer os módulos sob responsabilidade de empresas capacitadas, e rejeita a venda de bebida alcoólica nos estabelecimentos.



Depois de muita discussão, o banheiro será demolido para dar lugar aos módulos comerciais

No projeto, árvores frutíferas

Imagine poder caminhar, à beira-mar, contemplando a beleza de árvores que produzam abricó, araçá—una, castanhas-do-Maranhão e jenipapo, podendo até comer pitanga e caju, também plantados em canteiros devidamente projetados, onde não faltam plantas típicas da vegetação de restinga. Na orla da Praia da Costa, dentro de três a quatro anos, será possível ver árvores produzindo frutos, resultado de um trabalho que vem sendo executado pela Avidepa e pelo Instituto de Terras, Cartografia e Floresta (ITCF).

O paisagismo com proposta ecológica é resultado de um trabalho projetado por Marcelo Fiorotti, que integra a grupo de arquitetos capixabas vencedor do concurso público para a urbanização da orla. Um atraso na exe-

cução das obras civis só permitiu que as plantas pudessem chegar aos canteiros no último mês de novembro. Só em junho do ano que vem o trabalho será complementado.

Projeto

O estudo de projeto vencedor do concurso, na realidade, previa a urbanização até a praia de Itaparica. O Governo, porém, só assumiu a execução até a Ponta de Itapoã. Hoje, entre Itapoã e Itaparica, 132 quiosques, com telhado colonial, vêm sendo construídos, resultado de um projeto da Prefeitura de Vila Velha. A orla é uma só mas os projetos são totalmente diferentes. Na Praia da Costa os arquitetos projetaram módulos comerciais cujo modelo arquitetônico lembra o prédio da antiga sede da Prefeitura local.

Ao todo, serão construídos 12: a metade na primeira etapa, a ser entregue no próximo dia 21, e a outra na segunda etapa, com conclusão prevista só para o verão de 1992.

Nas duas etapas serão instalados também, os seguintes equipamentos: 545 bancos, um módulo de informação turística (que ocupará o local do bar MUG), um módulo para jogos de mesa, 13 abrigos de ônibus, 30 orelhões, 35 placas indicativas, dois obeliscos, 41 chuveiros (ainda se encontra na PMVV o projeto que prevê a instalação de um sistema eletrônico, acionado por ficha), cinco postos salva-vidas, 87 lixeiras, 11 quadras de vôlei, quatro campos de futebol, equipamentos de ginástica e estoa. Os oito banheiros previstos foram eliminados por reivindicação da comunidade.

Foto de Chico Mendes